

1937
300
8
10

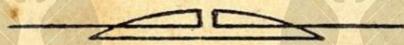
Onofre de Andrade

**SECRETARIO-FUNDADOR DA SOCIEDADE DE
GEOGRAPHIA DAS ALAGÔAS**

AMAZONIA

ESBOÇO HISTÓRICO,
GEOGRAPHIA PHYSICA,
GEOGRAPHIA HUMANA
E ETHNOGRAPHIA DO

RIO JURUÁ



Off. Graph. da CASA RAMALHO
Maceió - 1937

M

ESBOÇO HISTÓRICO DO RIO JURUÁ

SUMMARIO—A expedição de Orsúa: sua attribuida penetração pelo rio Jutahy.—Frei Santa Theresa cria a versão dos indios de cauda, como de indios anões e indios gigantes.—Ega (Teffé), sede da administração do rio Juruá.—Pelle malhada ou falsa lépra (purú-purú) das tribus.—O Barão de Mauá e a navegação amazonica: primeiro navio a vapor que atravessou a fóz do extenso affluente.—Romão José de Oliveira e a expedição official de Cunha Corrêa.—Esforço de reconstituição das tribus juruáenses—Excursão scientifica de Von Spix: levantamento do vocabulario dos catuquinas.—Excursão de Chandless, explorador inglês: sua descripção geographica e dos indios.—Antonio Pereira de Salles, um dos primeiros exploradores de seringaes.—Fascinação de Tavares Bastos pelo Juruá.—Penetração de Charles Brown—Primeiras lévas de immigrants cearenses—Noticias de braços gurupáenses e cametoáras—Divisão em Alto e Baixo Juruá—Libertação dos escravos em 1884—Surtos de variola—Peruanos na região—Ricos seringalistas dão terras para a fundação de S. Felipe (hoje João Pessoa) e Cidade-Seabra—A excursão naturalistica de Von Garbe: suas famosas pesquisas nos seringaes Djeddah e Matupiry e em S. Felipe—Capitulação, em 1904, das forças peruanas—Excursão brasileiro-peruana (1904-1906), para fixação das nascentes do Juruá e solução da questão de limites: relevante papel do general Bellarmino de Mendonça—O Juruá, o mais extenso affluente da rio Amazonas:—O territorio litigioso do Juruá é desmembrado do Amazonas, para fazer parte do Territorio Federal do Acre—Tempos de esplendor do extenso rio: companhias locais de navegação e barracões-bungalows—S. Felipe, 2º municipio exportador de borracha do Estado—Surgimento de villas e cidades.—Triste decadencia da região—Surgem a agricultura, a pesca, a exportação de couros e a industria madeireira.—Renascimento economico da borracha,

Será, pois, o Yuruá o "Mano" tão celebrado, o Amaru-Mayu, o rio-serpente, o Madre de Dios, em summa?"

Tavares Bastos (**O Valle do Amazonas, 1866**).

Eis um rio revelado ao mundo pela fama de suas plantas medicinaes.

O Juruá contará, porém, cerca de 70 annos de historia, se remontarmos apenas a seu povoamento, obedecendo a finalidades economicas. A historia de sua civilização nasce, em rigor, com a procura do "caucho" e de outras especies de borracha.

Primeiro, seria penetrado o Madeira e, depois, o Purús e o Juruá (quanto aos tributarios meridionaes do Amazonas).

O desenvolvimento do sul do Estado assignalariaria a decadencia do norte.

Cumpre, no entanto, registrar todos os factos que se prendem ao antigo Juruá, com o seu feitio de população indigena.

Nasce o rio por entre historias de viva curiosidade, ou por entre lendas.

Qual a primeira figura civilizada que penetra o extenso affluente? Teria sido visitado a começar da embocadura, ou cortado na transversal de outras correntes?

A mais remota versão é a de 1560: Pedro de Orsúa, acompanhado de sua esposa, D. Ignês, que

se fez celebrada por sua rara belleza, teria attingido o Juruá, depois de palmilhar, á frente duma expedição numerosa, terras do Jutahy.

Orsúa seria o enviado do Marquez de Castanete, vice-rei do Perú, afim de levantar o reconhecimento da lendaria cidade de El-Dorado.

A formosura de Ignês perde a Orsúa: roubam-lhe vida, consorte e a chefia da expedição, nos recessos da matta virgem do rio recém-desvendado.

Todavia, a critica demoliu o alcançamento do Juruá: mediaria o Ipixuna, não citado, entre aquelle e o Jutahy; estaria mais acima o Javary e, por ultimo, considerado o inicio do roteiro, ter-se-ia de encontrar o importante Ucayale. (1)

Em 1709, segundo breve assertiva encontrada, (2) existira, alli, uma aldeia dos Jurimauas ou Jurimaguas, afamados por suas victorias e tidos como os mais valentes do Amazonas.

Entre 1737 e 1739, o sertanista Pedro Teixeira (3) entrara em contacto com os curicicuris ou curacicuris, apreciados por seus trabalhos de ceramica, no trecho de Tefé ao mesmo Juruá, adiantando a versão que o explorador lhes comprara "barras de ouro".

Dá a prehistorica um grande salto para a referencia sensacional de 1768.

Antes de Darwin, frei José de Santa Theresa Ribeiro, carmelita, affirmava ao vigario José Monteiro de Noronha (4) que existiam, alli, indios anões, á moda dos esquimós, cuja estatura era de 5 palmos, e uma tribu cujos habitantes eram dotados de cauda, como os simios...

(1) — Wilkens, através de Bellarmino Mendonça

(2) — Apud Bellarmino

(3) — idem

(4) — Vêr o seu "Roteiro"

O vigário ficara estupefacto, resolvendo exigir de frei José (1) que dissésse aquellas cousas "por escripto", e com todas as regras dum juramento catholico, apostolico, romano. Pois bem. O bom do frei José, o amigo dos selvagens, consolidou o juramento, com "penna de pato" da época, os nomes sagrados e a responsabilidade de sua authentica assignatura.

Gonçalves Dias, (2) em 1867, assim registou a fabulosa referencia: "Taes eram os Goyazes ou **anões**, os indios da nação "Cuaná", habitantes do rio Juruá, que não passam de 5 palmos de altura, e os "Curi-queans" ou **gigantes**, os da nação "Ugina", com rabo de 3 a 4 palmos, do que davam testemunho, no tempo do ouvidor Sampaio, os indios do Juruá e resta a certidão jurada do padre carmelita frei José de Santa-Theresa Ribeiro, que o mesmo Sampaio diz ter conhecido".

O Tempo correu e a famosa narrativa custou a desvanecer-se. E, destarte, lê-se no livro "As regiões amazonicas", do Barão de Marajó, editado em 1895, a localização de taes indios no affluente Tarauacá, chamando-se "Cananás" os indios anões e "Coatátapuias" ou "Uginas" os de "appendice caudal". Segundo o Barão, tambem Castelnau repetira o mesmo, em zona visinha da do Juruá (Fonte Bôa), arguindo que se devia o phenomeno ao cruzamento de indias com simios "coatás" (dahi o nome — coatá+tapuia). A anedocta refére que fôra baldado o esforço do estrangeiro de comprar a uma india certo "coatá", crescido, que lhe fazia companhia. Intrigado com a recusa, di-

(1) — o qual prestou relevantes serviços á catechése

(2) — Apud Ihering

ante do preço compensador offerecido, explicou-lhe, a rir gostosamente, uma outra india: — "Não teime que ella não vende... Como iria vender o seu marido?"

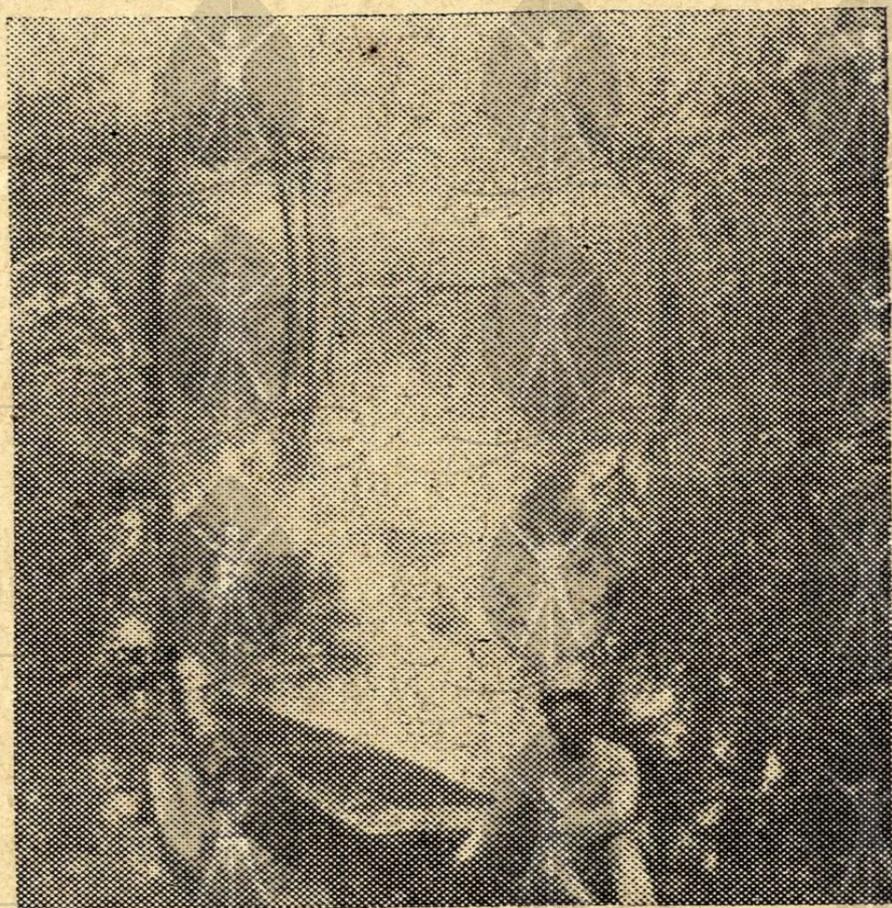
O peor é que, no corrente anno de 1936, o Autor, em sua recente excursão, haveria de encontrar sobrevivente a memoria dessas primitivas referencias.

Assim, o acreano Manuel Sebastião da Rocha, interprete de canamarys e outros indios, entre os quaes foi creação desde os 8 annos, assevéra ter encontrado, entre elles, ainda a tradição parcial, admittindo a existencia de indios anões, de côr preta, valentes e que moram debaixo do chão, em "lôcas"...

E, de novo, vencida pela improcedencia de historias dum tragico romanesco, ou de lendas, dignas dum capitulo de teratologia, mergulha a importante zona no silencio e no mysterio.

Embora com reservas, consignamos aqui a seguinte referencia de Ruy Barbosa, contida em "O Direito do Amazonas ao Acre Septentrional", vol. II, no capitulo de estudo de historia e geographia: "Em 1813, o indio Joaquim Tinoco, morador de Ega, rio **Juruá** (?), foi á agarração de gentios com os seus familiares, e, logo depois de passar a "barra", encontrou-se com alguns da nação "Marauá", que desciam dos centros á praia do Araçatua a trabalhar para os brancos na excavação dos ovos de tartaruga e fabricação de manteigas, a troco de ferramenta, como costumam: foram logo presos em troncos de campanha e trazidos a Ega como seus escravos".

É certo que a zona do Juruá, desconhecida oficialmente em seu maior percurso, dependia de Ega (Teffé), administrativamente.



**O Autor, penetrando um "igapó" juruáense
(Seringal Tres-Unidos)**

De outro lado, porém (admira fosse e continue a ser tão desconhecida a Amazonia), não é menos certo que Ega não está localizada na zona do Juruá: é trecho compreendido pelos rios Teffé e Solimões.

Pode-se, no entanto, admittir que o citado indio civilizado, que recebera o nome de "Joaquim Tino-co", descesse á zona do Juruá propriamente dito, muito proxima, por qualquer dos igarapés que vão desa-

guar no Meneruá, cujas aguas estão, na sua foz, a 2 milhas acima da "barra" do Juruá.

Os Marauás, citados, habitam, de facto, o rio em estudo, conforme se verifica nas preciosas "Noticias geographicas da Capitania do Rio Negro", do Conego André Fernandes de Sousa, datadas de 1848 e offerecidas ao Imperador: "A maior parte dos indios habitadores deste rio, excepto a nação "Marauá", tem o couro ou pelle do corpo pintada com escamas, a que chamam empingem; uns, malhados de branco e outros de preto. Uns affirmam proceder isto das comidas, outros das bebidas das aguas.

Apesar de serem os gentios do Juruá fortes e bellicosos, são mui amigos dos homens brancos e de tudo que lhes diz respeito."

Leremos no "Roteiro da Viagem (1) feita, em 1852, por Serafim da Silva Salgado, partindo da Cidade da Barra (2) até onde é navegavel o Purús", que a expedição se encontrara com os indios "Cucamas", alvos, agricultores, usando "ponche", ciumentos dos civilizados, a deduzir do facto de nunca lhes apparecerem senão "mulheres velhas" da tribu, os quaes soffriam guerra commum dos Apurinás e Oainimarys, anthrophopagos: pareceram-lhe procedentes da Bolivia, declarando-lhe, outrosim, os nomes de pessôas civilizadas **que tinham visto nas cabeceiras do Juruá**".

Eram, mui possivelmente, os "brancos" á procura de drogas, pois que o grande rio de curso peruano e brasileiro attraia os bandeirantes pela fama de suas plantas medicinaes, inclusive da salsaparrilha.

(1) — Archivo do Amazonas, vol. 2, nº 7, de 23—10—1807

(2) -- Nome que tinha antes, a capital amazonense

Não ha duvida que a canôa penetraria alli, pouco a pouco, até chegar á consideravel altura do rio Tarauacá, permutando quinquilharias com o carregamento de folhas, raizes e plantas de admiraveis efeitos curativos.

Muitos remedios caseiros, ainda hoje em uso na região, foram apprendidos tradicionalmente dos proprios selvagens, que constituem, sem favor, a nota de mais relevo nos dominios da chamada medicina empirica ou popular.

As noticias geraes se firmaram no sentido de serem, em geral, as tribus juruáenses valentes, porem bem predispostas para com os civilizados, de vez que os não atacassem.

Por vezes, encontram-se escriptores louvando a sua fortaleza physica, ou a sua belleza: nos nossos dias, indias de alguns aldeamentos são referidas como typos de formosura, pelos habitantes desses trechos, inclusive de alguns homens dados ás letras.

É de notar, porem, que os mercadores de drogas não nutriam a minima idéa de "fixação" ao solo: não se inauguraria com elles o povoamento, ou a exploração de actividades mais fecundas em ordem economica.

Irineu Evangelista de Sousa, ao tempo Barão de Mauá, fundara, em 1853, a Companhia de Navegação e Commercio do Amazonas: já em 1855, o "Monarcha" inauguraria a escala da Cidade da Barra (Manáos) até o Perú, passando em seu percurso, descripto por um secretario de Estado da epoca, pela foz do Juruá, embora sem penetrá-lo. Desse relatorio (1) colhem-se as seguintes versões, sobre a grande cau-

(1) — Relatorio de Bellarmino



AVISO

**DEVIDO AO TAMANHO ORIGINAL DO DOCUMENTO.
NÃO FOI POSSÍVEL DISPONIBILIZAR O SEU CONTEÚDO
NA ÍNTEGRA. PARA TER ACESSO AO ARQUIVO DIGITAL
COMPLETO, POR FAVOR, ENTRAR EM CONTATO COM A
GERÊNCIA DE ACERVOS DIGITAIS NO
CENTRO CULTURAL DOS POVOS DA AMAZÔNIA.**

FONE: (92) 2125-5330

FAX: (92) 2125-5301

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



**CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA**